

**CONTADORES DE HISTÓRIA DA COMUNIDADE VAI QUEM QUER: UM
ESPAÇO (RE) INVENTADO ATRAVÉS DAS NARRATIVAS ORAIS**

Carlos Magno de Souza
UFRN
carlos.magno@yahoo.com.br

Em seu trabalho sobre o narrador, Benjamin (1992) ressalta que a arte de narrar está em extinção. Será mesmo que o ato de contar histórias está em descrédito? Tudo parece que está perto de desaparecer lentamente, culturas tão enraizadas ao homem. No mesmo contexto, Bosi (1994) pergunta: por que os velhos são guardiões de uma memória tão vasta? Nesse sentido, levantamos os seguintes questionamentos: quais são as estratégias, relações, maneiras, razões, significados e características que fazem com que eles os contadores de história da comunidade Vai Quem Quer do município de São Paulo do Potengi com idade avançada possam (re) inventar o espaço habitado através das suas lembranças (memórias)? Portanto esse é o problema que nos guiará as reflexões e na busca investigativa dos questionamentos apresentados.

Como metodologia de pesquisa, a história oral se detém na ocupação de conhecer, investigar e aprofundar aspectos sobre determinada realidade, como as relações culturais, as estruturas sociais, os processos históricos ou os laços do cotidiano. *É neste sentido que não se pode pensar em história oral sem pensar em biografia e memória.* Todos esses dados são obtidos através de um diálogo (conversas, entrevistas, narrativas orais) com pessoas que, ao evocarem suas lembranças mais pessoais, remontam, reconstroem e reinventam também uma olhar sobre o funcionamento da dinâmica e das trajetórias do grupo a que pertencem. Registrar a memória viva, os anseios, os conflitos, as características, os sentimentos e as relações das perspectivas de indivíduos de várias origens socioculturais é um papel direcionado a história oral. Trazer a luz imagens do passado é dar também evidências que permitam ser relevantes e tragam significados abrangentes e dinâmicos da pesquisa em curso. Nesse sentido, investigar e analisar as relações, maneiras e características de como se (re) inventa o

espaço da comunidade Vai Quem Quer através das narrativas orais dos contadores de história, nos convida a perceber as relações significativas entre os sujeitos e o espaço por eles narrado. “O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto de movimentos que aí se desdobram” (Certeau, 1994, p.202). Segundo Benjamin (1992) *Tudo isso tem a ver com a verdadeira essência da narrativa. Ela contém em si, oculta ou abertamente uma dimensão utilitária.* É nessa busca de conhecimentos que as histórias narradas pelos contadores de história passam a (re) inventar o espaço que se caracteriza também na expressão de sentimentos de alegrias, tristeza, dor, morte, nascimento, satisfação e angústias, estimulando um campo de constante tensão nas suas lembranças mais remotas. Nesse sentido, “A micro-história [...] busca ver no local uma porta de entrada ou janela para resgatar o universal e se propõe, como linha de frente a atacar, exatamente o resgate dessa articulação entre o todo e a parte” (Pesavento, 2000, p.232).

“Vale lembrar que a micro-história opera com escala de observação reduzida, exploração exaustiva de fontes, descrição etnográfica e preocupação com a narrativa literária. Neste sentido, contempla, sobretudo, temáticas ligadas *ao cotidiano de comunidades específicas — referidas geográfica ou sociologicamente —, às situações-limite e às biografias ligadas à reconstituição de microcontextos ou dedicadas a personagens extremos*, geralmente vultos anônimos, figuras que por certo passariam despercebidas na multidão. O certo é que essa corrente historiográfica foi muito mal compreendida, ora tomada como história cultural, ora confundida com a história das mentalidades e com a história do cotidiano. Não seria exagero afirmar que ainda hoje a micro-história carrega o estigma de *história menor*, atacada principalmente pelos defensores dos modelos macrossociais de análise”. Vainfas (2002). “Nessa nova [...] concepção, cada aparente detalhe, insignificante para um olhar apressado ou uma busca exclusiva dos grandes contornos, adquire valor e significado na rede de relações” (Levi, 1992). A partir de uma vivência com teatro de rua na comunidade Vai Quem Quer no município de São Paulo do Potengi nos “espaços isolados” é que tive a oportunidade de conhecer um grupo de contadores de história, com faixa etária entre 80 e 90 anos, e o que mais me chamou atenção foram as suas falas e a maneira de como narram e (re) inventam o espaço que habitam. Sabe-se que o homem é um ser comunicativo, por isso não pode viver isolado e ao longo dos tempos, o recurso mais usado para comunicar-se tem sido a fala. Inicialmente a oralidade representou o grande canal de comunicação da sociedade, uma vez que ouvir e contar histórias eram momentos no qual o narrador

transmitia aos seus ouvintes a tradição e a história do seu povo. No caso específico, esse estudo apresenta-se de forma pioneira, onde procura-se fornecer de forma coesa, uma contribuição a historiografia no sentido de buscar e dar respostas aos problemas propostos, haja vista que esse estudo irá possibilitar uma expansão no leque para novas pesquisas. Muitos dizem que a arte de contar (narrar) histórias tenha chegado ao fim, e que os contadores de história por serem velhos e excluídos não tenham mais as lembranças do passado para narrá-las. Cabe ao historiador investigar e analisar esse passado numa nova dinâmica, onde as perspectivas investigativas lhe darão subsídios necessários para melhor conflitar o passado com o tempo presente.

A invisibilidade nas pesquisas historiográficas sobre os contadores de história da comunidade do Vai Quem Quer no município de São Paulo do Potengi /RN, agreste do Rio Grande do Norte, a cerca de 70 quilômetros da cidade de Natal, já se apresenta como justificativa desse trabalho. Nesse sentido, esse estudo pretende contribuir de forma que essa invisibilidade possa dar lugar à construção produtiva e bibliográfica do Rio Grande do Norte. A pretensão desse estudo é contribuir significativamente no sentido de alicerçar o trabalho investigativo no processo historiográfico, desenvolvendo análises críticas sobre as fontes históricas estudadas. O contato com a metodologia da história oral, faz com que o historiador perceba a pluralidade desses conhecimentos, de forma que essa contribuição possa produzir largos conhecimentos sobre a importância da arte de narrar.

Não é de hoje o interesse pela coleta e estudos das narrativas orais. Analisar e investigar as narrativas orais, através dos depoimentos e coleta de dados, deixa claro para o historiador que a relação entre os sujeitos envolvidos se dá também pela subjetividade da fala. Nesse sentido nas culturas que não conheciam a escrita, a transmissão da história se dava através das narrativas orais: o narrador relatava as experiências passadas a ouvintes que participavam do mesmo contexto comunicacional. Segundo as afirmações de Benjamin (1992, p.28,29).

A experiência que anda de boca em boca é a fonte onde todos os narradores vão beber. E de entre as experiências que foram registradas como histórias, distinguem-se aquelas cujo registro menos se afasta da fala dos inúmeros narradores anônimos.

Inserido nesse contexto, a história oral como metodologia aplicada principalmente às fontes orais, tem sido importante na investigação e análise da fala. Nesse sentido a

memória é atributo das funções cognitivas, com o predomínio da oralidade, no qual se utilizavam da capacidade mnemônica para armazenar e transmitir informações através das narrativas orais.

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 1996, p. 423)

Os velhos, guardiões de uma memória *por excelência* vivem o dilema do preconceito e da exclusão. *A sociedade rejeita o velho, e não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra.* Nesse sentido

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade. (BOSI, 2003, p.63)

“A História é alimentada pela Memória que por sua vez, constitui uma fonte valiosa à reconstrução do passado” (Jucá 2003:36). *A utilização da história oral como ferramenta para a construção da memória* sobre um espaço (re) inventado nos traz os seguintes direcionamentos de que “Todas as histórias derivam de um tempo específico, de um lugar específico e de uma herança cultural específica” (Ferreira, Amado, 2002:158). Essa fusão vai se expandir também no contexto do espaço (re) inventado, habitado onde os narradores vão reconstituí-lo de forma que suas lembranças trazem imagens, características, maneiras pela qual esse espaço não está apagado da sua memória. O espaço sofre as modificações, mais na memória do sujeito ele é (re) inventado, reconstituído através das marcas e das expressões que arquivam os acontecimentos narrados e que se desenrolaram em determinados tempos.

Associando o destino do espaço ao do tempo: ao passar da memória à historiografia, mudam de signo conjuntamente o espaço no qual se deslocam os protagonistas de uma história narrada e o tempo no qual os acontecimentos narrados se desenrolaram. (RICOEUR, 2008, p.156)

A História Nova, além de abordar aspectos políticos, econômicos e sociais das sociedades, é também uma História cultural.

A nova história tem em primeiro lugar, objetivos de alargamento e aprofundamento da história científica. [...] a crítica do documento, o novo tratamento dado ao tempo, as novas relações entre material e “espiritual”, as análises do fenômeno do poder sob todas as suas formas, não só de seu aspecto político (LE GOFF, 2006, p. 143).

Tanto a temática quanto o recorte histórico dessa pesquisa estão inseridas na perspectiva do tempo presente. O presente é “*o tempo da historicidade sobre o qual se deve debruçar o historiador, atento à sua pluralidade, isto é, à multiplicidade de temporalidades do presente permeado por variadas fontes discursivas, sem perder de vista os perigos de sucumbir ao presentismo*” (ARRUDA, 2007, p. 29). Porém, é indispensável à compreensão do passado no que se refere ao trato com as problemáticas atuais. O fazer histórico pode e deve ser aplicado às problemáticas contemporâneas.

O estudo ora proposto objetiva analisar as narrativas orais dos contadores de história da comunidade Vai Quem Quer no município de São Paulo do Potengi/RN na (re) invenção do espaço que habitam.

Objetivando investigar, analisar e escrever essa história faremos uso das fontes orais e documentais, tais como: documentação oficial (manuscrita, textual e fotográfica), pesquisa de campo e material áudio-visual composto de entrevistas, reportagens e documentários.

Ao realizar uma pesquisa muitos estudiosos se limitam a estudar apenas documentos oficiais. Para Eric Hobsbawn (1997, p. 09), à medida que o historiador se aproxima do presente, fica cada vez mais dependente da consulta à imprensa diária ou periódica. Os jornais escritos são uma importante fonte histórica, não só porque guardam informações, mas também porque permitem fazer conexões com dados obtidas em outras fontes históricas, o que pode vir a fornecer novos elementos e diferentes visões sobre um determinado fato histórico.

Além disso, o fato de os agentes históricos se fazerem presentes e com o objetivo de aprofundar a compreensão da temática estudada, serão realizadas entrevistas. Esse tipo de procedimento diz respeito à História Oral *que relaciona-se, em parte, com essa finalidade social essencial da história.*

Em relação à História Oral, existem três posicionamentos divergentes: o primeiro define a História Oral como técnica, o segundo como disciplina e a terceira, como uma metodologia. Nessa pesquisa a História Oral será abordada enquanto procedimento metodológico. Raramente a documentação oficial traz informações além da estrutura vigente, “uma das contribuições decisivas à inovação temática e metodológica na

História resultou da importância das fontes orais na ampliação dos estudos dedicados à História Local” (JUCÁ, 2003, p. 52).

O trabalho com as entrevistas e depoimentos coletados produz conhecimentos que necessitam de um embasamento teórico, por exemplo, a definição de conceitos como história e memória. “Memória, imaginação e representação são bases que sustentam qualquer narrativa sobre o passado e o presente” (MEIHY, 2002, p. 53).

Cada vez mais os historiadores têm se interessado pelas relações entre história e memória. “Ao mesmo tempo, ampliou-se a área dos documentos, que a história tradicional reduzia aos textos e aos produtos da arqueologia [...]. Hoje os documentos chegam a abranger a palavra, o gesto. Constituem-se arquivos orais” (LE GOFF, 2006, p. 10).

Essa substituição ocasionou uma renovação conceitual e metodológica, que permitiu tratar documentos literários e artísticos, por exemplo, como documentos históricos, respeitando, para tanto, sua especificidade. A referida renovação metodológica se concretizou a partir do uso de novas técnicas que reorientaram o trabalho do historiador em direção a novos objetos e agentes antes marginalizados. “Oralidade e escrita coexistem em geral nas sociedades e esta coexistência é muito importante para a história” (LE GOFF, 2006, p. 56).

O interesse dessa Nova História, segundo Lombardi (2006), repousa preferencialmente sobre o estudo de manifestações culturais, do *popular e informal*, busca resgatar o papel das classes e do conflito social, incorporando categorias, como as de gênero, etnia e geração, além das camadas populares; a vida cotidiana do povo, operários, mulheres e camponeses, por exemplo, quase nunca evocados pela história tradicional. Foi com essa coletividade de personagens que “Configuram um conjunto polissêmico e são modelados de forma a ganharem a dimensão de sujeitos da história” (PERROT, 2006, p. 10) A História Nova procura legitimar uma história científica a partir da memória. Memória esta coletiva, ligada aos comportamentos e às mentalidades.

[...] memória por ser social é sempre vivida e compartilhada, ao passo que a história escrita torna-se impessoal, ou melhor, reflete apenas a interpretação do seu autor, tornando-se deveras limitada, se confrontada com a memória de diversos indivíduos, que se torna plural. Por isso, a memória despontaria como uma viabilidade de revelar aspectos que poderiam ser relegados pela história documental. A história é reconstituída mantendo uma distância entre quem a elabora e os envolvidos no seu enredo. Já a memória não estabelece uma cisão entre passado e presente [...] (Idem, p. 29).

Para Le Goff, a diferenciação entre passado e presente é operação fundamental da ciência e da consciência históricas. A memória enquanto objeto da *Nova História* despertará o

interesse dos historiadores para uma história imediata, a História do Tempo Presente, para falar do passado recente, o presente histórico.

A aceleração da história tornou insustentável a definição oficial da história contemporânea. É necessário fazer nascer uma verdadeira história contemporânea, uma história do presente que pressupõe que não haja apenas história do passado, que acabe ‘uma história que assenta num corte nítido do presente e do passado’¹ e que recuse à “demissão perante o conhecimento do presente, no preciso momento em que este muda de natureza e se enriquece com os elementos de que a ciência se mune para conhecer o passado” (LE GOFF, 2006, ps. 228 e 229).

O presente não está limitado a um instante, a um ponto, “*a definição da estrutura do presente, seja ou não consciente, é um problema primordial da operação histórica*” (LE GOFF, 2006, p. 207). A História, enquanto conhecimento se faz a partir dos impulsos do presente. É o presente que faz do presente passado, modificando-o constantemente. Wiltold Kula apud Arruda (2007, p. 29) diz que “*fuentes históricas son todos los vestigios del pasado, toda la obra de los tiempos pretéritos, ‘el más importante de los vestigios, la más importante de las obras, es la realidad que nos rodea. La más grande, a más rica, la menos aprovechada de las ‘fuentes históricas’*”.

Além da *Nova História Cultural*, também será estudada uma literatura marxista com o intuito de situar o objeto pesquisado em relação a outros aspectos da sociedade brasileira além da esfera educacional. É necessário estudar “*os objetos culturais em sua materialidade, restabelecendo os processos implicados em sua produção, circulação, consumo, práticas, usos e apropriações*” (LOPES e GALVÃO, 2001, p. 40). A arte de narrar também é produto, circula e é consumida, tem os mais variados usos, se apropriam dela das mais diversas maneiras e para os mais diferentes fins. “*Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar-nos sobre ele*” (BLOCH apud LE GOFF, 2006, p. 107).

Bibliografia

ARRUDA, José Jobson de Andrade Arruda. **Cultura Histórica: Territórios e Temporalidades Historiográficas**. *Saeculum: Revista de História. Departamento de História, Programa de Pós-Graduação, UFPB*, n. 16, João Pessoa, João Pessoa: Departamento de História, Programa de Pós-Graduação, UFPB, janeiro – junho de 2007.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

¹ NORA, apud LE GOFF, 2006, ps. 228 e 229.

AS MIL e uma noites. Direção: Steve Barron Produção: Dyson Lovell. Produtora: Alpha filmes. Produtor: Robert Halmi 1 videocassete (148 min): VHS, som., color. Legendado. Port. 1998.

ARRAIS, Raimundo. **O pântano e o riacho:** a formação do espaço público no Recife do século XIX. São Paulo: Humanitas, FFLCH. USP, 2004.

AYALA, Maria Ignez. **O conto popular:** um fazer dentro da vida. In: Encontro Nacional da Anpoll, 4. 1989, Recife. Anais...Recife: Anpoll, 1989.

AYALA, Marcos e AYALA, Maria Ignez. **Cultura popular no Brasil:** perspectivas de análise. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

BURKE, P. **A escrita da história: novas perspectivas.** São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

BENJAMIN, Walter. **Sobre arte, técnica, linguagem e política.** Trad. Maria Amélia Cruz, Maria Luz Moita e Manuel Alberto. Lisboa: Relógio D'água, 1992.

BOSI, Ecléa. **Cultura popular e cultura de massa:** leituras operárias. Petrópolis: Vozes, 1972.

_____. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 10. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

CASCUDO, Luís da Câmara: **Literatura oral no Brasil.** 3. ed. Belo Horizonte, Itatiaia: São Paulo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1984.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** 11. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1994.

DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades.** São Paulo: Autêntica, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes e Amado, Janaina. **Usos e abusos da história oral.** 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Educação e grupos populares:** temas (re) correntes. São Paulo: Alínea, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2004.

HOBBSAWM, Eric. **Tempos interessantes:** uma vida no século XX. São Paulo: Cia. Das letras, 2002.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos:** O breve século XX (1914 – 1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana.** Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.

- LEVI, G. **Sobre a micro-história.** In: P.BURKE (org.), A escrita da história. Novas perspectivas. São Paulo, UNESP, p. 133-161.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: UNICAMP, 2006.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira e GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação.** Rio de Janeiro: DP&L, 2001.
- MEIHY, Jose Carlos Sabe Bom. **Manual de História Oral.** São Paulo: Loyola, 4º Ed. 2002.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história.** São Paulo: Paz e terra, 4º Ed.2006.
- PESAVENTO, S. J. **Essa história que chamam micro.** In: Cesar Augusto Barcellos et alli. (Org.). Questões de Teoria e Metodologia da História. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000, v. , p. 209-234.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Paz e terra, 1998.
- VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história. Micro – história.** Rio de Janeiro, Campus, 2002.
- VASCONCELOS, José Germano e JUNIOR, Antônio Germano Magalhães. **Linguagens da história.** Fortaleza: Imprece, 2003. (Col. Diálogos intempestivos, 7).
- VISCARDI, M. R. Cláudia e Delgado, Neves A. Lucília. **História Oral: teoria, educação e sociedade.** Juiz de Fora: UFJF 2006.